

REVISTA SINPACEL



SETEMBRO 2015 • ANO 01 • Nº 03

03

**REAJUSTES OBRIGAM
INDÚSTRIAS A PROCURAREM
ALTERNATIVAS PARA
AQUISIÇÃO DE ENERGIA**

Leia a matéria completa na pág. 08.

*Foto do acervo Ibema



www.sinpacel.org.br

Sindicato das Indústrias de Papel, Celulose
e Pasta de Madeira para Papel, Papelão e de Artefatos de Papel
e Papelão do Estado do Paraná

**A COMPAGAS JÁ MOVIMENTA
A VIDA DE MUITA GENTE.**

**MILHARES DE
RESIDÊNCIAS**

CENTENAS DE EMPRESAS E INDÚSTRIAS

MILHARES DE VEÍCULOS

GÁS NATURAL COMPAGAS. O COMBUSTÍVEL DO DESENVOLVIMENTO E DA SUSTENTABILIDADE.

A Compagas é a concessionária responsável pela distribuição de gás canalizado no Estado do Paraná. Sua rede com mais de 700 km atende os segmentos residencial, comercial, industrial, veicular, cogeração e geração de energia elétrica. O gás natural é uma eficiente fonte de energia para a infraestrutura do Estado e contribui para seu crescimento. Além de aquecer a economia, a Compagas também aquece as casas de milhares de pessoas, com um produto econômico, seguro e ambientalmente correto. Para mais informações www.compagas.com.br ou 0800 643 8383.



 **COMPAGAS**
Gás Natural
MAIS GÁS PARA O PARANÁ


PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

EDITORIAL

POR UMA POLÍTICA INDUSTRIAL



Vivemos um momento no Brasil em que boa parte das indústrias estacionou no modelo convencional e tradicional. Muitas estão perdendo o fôlego porque não conseguem mais competir. A impressão é que o setor industrial parou no tempo e não sabe para onde ir. E isso só está acontecendo porque não se tem no país uma política industrial. Para onde vai a indústria brasileira? Ninguém sabe.

É fundamental que tenhamos uma política com objetivos de médio e longo prazo, um arcabouço para que a indústria possa se desenvolver. Sem isso, os industriais perderão competitividade e o grande temor é a volta da informalidade, pois ninguém consegue pagar 40% do valor de um produto, em impostos.

A indústria não pode depender somente do empreendedorismo. O setor tem que estar aparelhado de instrumentos que estimulem o crescimento. No momento, o setor de transformação é criticado pela falta de competitividade. São raros os projetos novos. Não agregamos valor às

matérias primas que produzimos. Um grande exemplo é a celulose. Somos o maior produtor de fibra curta do mundo, mas somos um dos menores produtores e consumidores de papel no mundo.

Os números indicam participação menor do setor industrial, que é aquele que agrega maior valor à produção, no Produto Interno Bruto (PIB) do país. À medida que essa participação diminui, significa que a indústria está agregando menos valor ao produto. Nesse cenário, a tendência é ficar dependente da importação de produtos industrializados, inibida, atualmente, pela alta do dólar. Ou seja, um setor que poderia contribuir, e muito, para a balança comercial brasileira tende a passar a ter efeito contrário. Cada vez se produz menos e continuamos utilizando estruturas comprometidas, envelhecidas e com tecnologias desatualizadas.

Hoje, ninguém sabe o que se quer do Brasil. Estamos na onda do "deixe a vida me levar". Mas as indústrias tradicionais merecem atenção e pre-

cisam urgentemente de uma política pública para que possam se manter competitivas.

O governo deveria dar o amparo porque dispõe de instrumentos legislativos, tem entidades de apoio financeiro e programático, como o BNDES, e conta com institutos de tecnologia, entre outros. Todo o aparato governamental deveria ser disponibilizado para construção dessa política em conjunto com a sociedade e que atenda aos interesses do Estado. Algo que possibilite ao setor industrial caminhar no sentido de evolução, para que aumente a sua participação no PIB e também no valor agregado de seus produtos. Não tem como o governo conduzir uma nação se não sabe para onde quer ir. Viver de ousadia não é o caminho. Precisamos olhar para frente para desenvolver e crescer. E o setor industrial precisa disso.

Boa leitura!

Rui Gerson Brandt
Presidente do Sinpapel

EXPEDIENTE

Rua Brigadeiro Franco, 3389
Curitiba/PR - CEP: 80.250-030
Tel.: (41) 3333-4511
www.sinpapel.org.br

REVISTA SINPAPEL É UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL, CELULOSE E PASTA DE MADEIRA PARA PAPEL, PAPELÃO E DE ARTEFATOS DE PAPEL E PAPELÃO DO ESTADO DO PARANÁ.

DIRETORIA EXECUTIVA: EFETIVOS: • Presidente - Rui Gerson Brandt • Vice-Presidente - José Eduardo Nardi • 1º Secretário - Samuel Leiner • 2º Secretário - Francisco de Paula Martins Payno • 1º Tesoureiro - Carolina van der Laars Ribeiro • 2º Tesoureiro - Celso Rufatto • Diretor Técnico - Fernando Wagner Sandri • SUPLENTE: • Arthur Canhisares • Celso Luiz Zagorski • Manoel Lacerda Cardoso Vieira • Hildebrando Reinert • Eduardo Antonio Martins Cravo • Altamir Borges de Camargo. CONSELHO FISCAL: EFETIVOS: • Francisco Cianfarani • Olivier Borgo Neves • José Luiz Domingues • SUPLENTE: Cláudio Cabral • Milton Hörlle • Alberto de Souza. • A Revista Sinpapel é um informativo trimestral, produzido e Editado pela Interact Conteúdo e Batel Comunicação. • JORNALISTA RESPONSÁVEL: Juliane Ferreira Mtb 04881 - DRT PR • REDAÇÃO: Maureen Bertol. • PROJETO EDITORIAL: VX3 Comunicação.

EMPRESAS DE PAPEL E CELULOSE TERÃO PROGRAMA DE FINANCIAMENTO PELO BNDES

Programa pode financiar implantação, ampliação ou modernização da capacidade produtiva



Foto: Sinpacel

O Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Paraná (Sinpacel) organizou, em conjunto com uma equipe do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), um evento para apresentar às indústrias de papel e celulose o Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Indústria de Papel (Propapel). Este programa tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento de diversos subsegmentos que compõem o setor de papéis. O encontro aconteceu na Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) e reuniu empresas associadas ao Sinpacel e representantes de indústrias de outros Estados.

“O setor reivindicava há muito tempo um programa voltado para as empresas de menor porte, em especial as de papel. O Propapel é um programa específico para o setor papelreiro, estabelecendo regras adequadas às expectativas ou necessidades do setor. Com o encontro, pudemos aproximar as indústrias do banco”, comenta Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel.

André Biazus, chefe do departamento da Indústria de Base Florestal Plantada do BNDES, disse durante o evento que a instituição sempre busca apoiar projetos de investimentos voltados para papel, celulose e painéis de madeira. Ele ressalta que o Propapel vem de um esforço de mais de 10 anos. “Queremos nos aproximar de empresas que nunca puderam operar diretamente com o BNDES. Nosso intuito é poder apoiar o plano de investimento dessas empresas como um todo”, garante Biazus.

O Propapel é destinado às empresas ou grupo econômicos com receita operacional bruta anual de até R\$ 600 milhões e que produzem papéis para escrever e para impressão; papéis para embalagens, incluindo papelão ondulado e papel cartão; ou papéis para fins sanitários, incluindo fraldas descartáveis e absorventes higiênicos. O prazo é de 10 anos, incluindo até três anos de carência, e o valor mínimo é de R\$ 10 milhões. O programa, que tem vigência até 31 de dezembro

de 2017, pode financiar implantação, ampliação ou modernização da capacidade produtiva, incluindo substituição do maquinário antigo, ineficiente ou de baixa escala; capacitação das empresas, como contratação de auditorias, melhoria dos processos e adoção de melhores práticas; ou fusão e aquisição de empresas, incluindo a utilização de instrumentos de RV.

De acordo com o presidente do Sindicato, os limites estabelecidos pelo programa permitem o acesso das empresas aos recursos do banco. “A ideia é recolocar as empresas de menor porte dentro do portfólio do BNDES. Certamente esse programa vai criar uma situação mais favorável para que as empresas possam voltar a investir”, declara.

Olhar para o setor

Na opinião de Marcio Schwab, economista e sócio-gerente da SIM Consultoria, o lançamento do programa mostra que o BNDES está olhando os segmentos industriais de forma diferenciada, atento a todas as necessidades das empresas.

Segundo Schwab, o principal ponto do programa é que atinge todo o processo do papel, do início ao fim da cadeia. Para ele, o Propapel é interessante, porque possibilita que a própria empresa possa discutir aquilo que é mais importante para ela.

“Um olhar mais específico ajuda a indústria a crescer. Cada indústria deve encontrar sua principal deficiência para que possa buscar o recurso do financiamento. A única coisa que o programa não contempla é a reestruturação financeira. Porém, qualquer outro tipo de investimento, como construção, novos produtos ou processos, novas máquinas, novas tecnologias, tudo isso é possível”, garante. ■

SINPACEL PROMOVE ENCONTROS MENSAIS PARA ESTIMULAR TROCA DE CONHECIMENTOS

Comitês tratam de assuntos ligados a assuntos tributários, de recursos humanos e sustentabilidade



Para estimular a troca de experiências entre os associados, o Sinpacel vem promovendo uma série de encontros que abordam assuntos ligados às áreas de recursos humanos, tributos e sustentabilidade. Estas atividades são realizadas dentro de comitês específicos, que se tornaram um ótimo espaço para a promoção de eventos, projetos e ações conjuntas entre o sindicato e as empresas.

Os comitês são conduzidos e orientados por um moderador - representante do Sinpacel -, que estimula o debate entre os participantes. Cada comitê traz convidados especiais, como palestrantes, representantes de entidades governamentais ou privadas, consultores especialistas, entre outros. O calendário dos comitês é pré-definido no início de cada ano.

No mês de agosto, o Sinpacel organizou um encontro dentro do comitê de recursos humanos. Esta edição discutiu temas como a terceirização e a Portaria 945.

Terceirização

Participaram desta discussão a ad-

vogada Lucyanna Lima Lopes; o chefe da fiscalização da Superintendência Regional do Trabalho no Paraná, Elias Martins; e Paulo Rossi, presidente da União Geral dos Trabalhadores do Paraná (UGT-PR).

Segundo a advogada, a nova legislação poderá ter grande impacto nas decisões estratégicas da empresa, porque "a terceirização é uma das formas de gestão e viabiliza que o empresário foque no seu objetivo principal e otimize seu quadro de pessoal".

Sobre como funcionaria a fiscalização, Martins esclareceu que esta será cumprida conforme o que a lei estabelecer. Os fiscais estarão atentos para identificar casos de formação de pessoas jurídicas apenas com o objetivo de mascarar um vínculo empregatício, impedindo um possível abuso por parte dos empregadores.

De acordo com Paulo Rossi, a UGT-PR defende a retirada do projeto da possibilidade de "pejotização" (quando o empregado é obrigado a constituir uma pessoa jurídica para transformar a relação de trabalho num contrato de prestação de serviço) e das cooperativas de trabalho. A entidade reivindica

um marco regulatório que preserve os direitos dos trabalhadores. "Temos visto na prática em vários segmentos que a terceirização não veio da forma tão prejudicial como se prega. Os demais itens do projeto são favoráveis aos trabalhadores e dão segurança jurídica tanto para empregadores quanto aos empregados", declara.

Portaria 945

Outro assunto abordado no comitê foi a publicação - no dia 10 de julho - da Portaria 945, que regulariza o trabalho em domingos e feriados. Este era um tema que causava preocupação no setor de papel e celulose, segundo Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel. Antes, não havia uma legislação específica para isto e era necessária uma autorização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para que as indústrias pudessem operar em tais dias.

Com a Portaria 945, o acordo sobre o trabalho em domingos e feriados poderá ser firmado entre o sindicato laboral e as empresas. Portanto, as empresas terão condição de operar devidamente autorizadas. ■

MAPEAMENTO DE FLORESTAS PLANTADAS VAI SUBSIDIAR CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Trabalho começou em 2013. Áreas plantadas no Paraná superam 1 milhão de hectares



Foto: Agência de Notícias PR

Depois de dois anos de trabalho, foi lançado no início de agosto o Mapeamento de Florestas Plantadas do Paraná produzido pelo Instituto de Florestas do Paraná (IFP), o Serviço Florestal Brasileiro e a Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal (Apref). O levantamento tem por objetivo apresentar dados confiáveis sobre as florestas plantadas existentes para subsidiar a formulação de políticas públicas e o desenvolvimento do setor florestal do Paraná. As áreas plantadas no Estado somam 1.066.479 hectares.

Segundo Carlos Mendes, diretor executivo da Apref, os governos estadual e federal têm como meta aumentar a área de florestas plantadas. "O mapeamento é fundamental para diagnosticar aspectos relevantes do setor e nortear o planejamento estratégico, além de servir como base técnica para atrair novos investidores para o Paraná", garantiu.

Para Norberto Ortigara, este segmento é extremamente relevante para o Estado, pois emprega diretamente

mais de 32 mil pessoas no Paraná e exporta R\$ 1,5 bilhão por ano, com uma participação de 15% do resultado nacional.

"Outros setores estão indo mal, mas o setor florestal continua suas atividades. É o segmento que produz mais riqueza por hectare, mais valor bruto do que qualquer outra atividade do Paraná. A boa informação é sempre muito importante para o planejamento, então precisamos investir nisso, fazendo políticas com conhecimento para que o setor possa crescer e dar emprego à população paranaense", disse o secretário.

Benno Doetzer reforçou que as ações têm que ser planejadas e precisas, porque o Estado não pode perder recursos, assim como os empresários do setor. "O levantamento das florestas traz as localizações e condições de produção e é o ponto de partida para qualquer proposição de política pública ou ação do governo, até mesmo para o desenvolvimento do setor privado", avaliou.

Na opinião do governador Beto

Richa, o setor é fundamental para o desenvolvimento econômico e social do Estado. Ele afirmou também que a parceria entre o poder público e o setor privado tem dado certo.

"O setor de florestas é fundamental para o desenvolvimento do Paraná. Nós queremos cada vez mais estar ao lado desse segmento naquilo que for possível, porque sabemos das dificuldades que enfrentam. Aproveito para anunciar que o governo estadual vai lançar, em breve, o programa de geração distribuída, que já está para ser concluído na Casa Civil", completou.

Dados do mapeamento

De acordo com o levantamento, de toda a área ocupada com florestas de Pinus e Eucalipto no Paraná, 653 mil hectares (61%) correspondem ao plantio de Pinus e 340 mil hectares (32%) ao plantio de Eucalipto. O restante, em torno de 72 mil hectares (7%), refere-se ao que os técnicos chamam de "corte raso".

A maior parte da área plantada está concentrada na região de Ponta Grossa, com 393 mil hectares plantados, e de Curitiba, incluindo os municípios do Vale do Ribeira e da Região Sul, com 200 mil hectares plantados. As duas regiões somam mais da metade da área plantada no Estado.

Hoje, as florestas plantadas ocupam aproximadamente 6% do território do Estado. No ano passado, o setor teve uma participação de 6,5% no Valor Bruto da Produção do Estado, com faturamento de R\$ 4 bilhões. O segmento de toras para diversas finalidades, como papel e celulose, construção civil, móveis e lenha, representa aproximadamente 88% da receita dos produtos florestais, com uma produção de 50 milhões de metros cúbicos por ano. ■

CRISE AFETA INDÚSTRIAS DE CELULOSE E PAPEL, MAS EXPORTAÇÃO EQUILIBRA A BALANÇA

Vendas do mercado interno caíram, enquanto recuperação da economia dos Estados Unidos e da Europa estimulou vendas para o exterior

Desde o início do ano, diversos setores produtivos vêm sofrendo uma desaceleração por conta da crise na economia brasileira. Um dos termômetros que reforçam este cenário é a demanda por papelão ondulado, que deve recuar 3% em 2015, segundo a Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO). Por isso, também existe a preocupação no setor de papel e celulose, já que além da redução da demanda, houve aumento nos custos essenciais para a produção e os industriais não conseguem repassar esta diferença aos compradores.

"Além do aumento significativo nos custos, não temos, hoje, dinheiro acessível para financiar o estoque e o dinheiro disponível está caro. Por tudo isso, o cenário é preocupante. O mês de agosto não sinalizou nada diferente do que aconteceu nos meses anteriores e não apresentou a curva da sazonalidade, em que o segundo semestre é melhor que o primeiro", ressalta Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel. Um dos grandes indicadores apresentado por Brandt é o aumento do desemprego, o que gera, consequentemente, uma queda no consumo. Segundo dados do IBGE, a taxa de desemprego em julho chegou a 7,5%.

Mas apesar deste cenário de crise, parte das indústrias atingiu resultados positivos. Isso é o que afirma a presidente da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), Elizabeth de Carvalho. De acordo com ela, houve um forte crescimento nas exportações no primeiro semestre deste ano, beneficiado pela recuperação da economia dos Estados Unidos e da Europa. A demanda da China também se mantém em alta.

No balanço dos primeiros seis



Elizabeth de Carvalho: Presidente da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá)

meses, divulgado recentemente pela instituição, o volume de exportações de celulose totalizou 5,5 milhões de toneladas, crescimento de 7,1% em relação ao mesmo período de 2014, enquanto as exportações de papel atingiram 987 mil toneladas de janeiro a junho de 2015, crescimento de 3,9% em relação ao mesmo período de 2014. Para Elizabeth, a variação cambial tem ajudado o setor em 2015 e fortaleceu as exportações.

Por conta disso, a produção de celulose teve um crescimento de 3,5% em comparação com o primeiro semestre de 2014. Já com relação ao papel, houve leve queda de 0,8%,

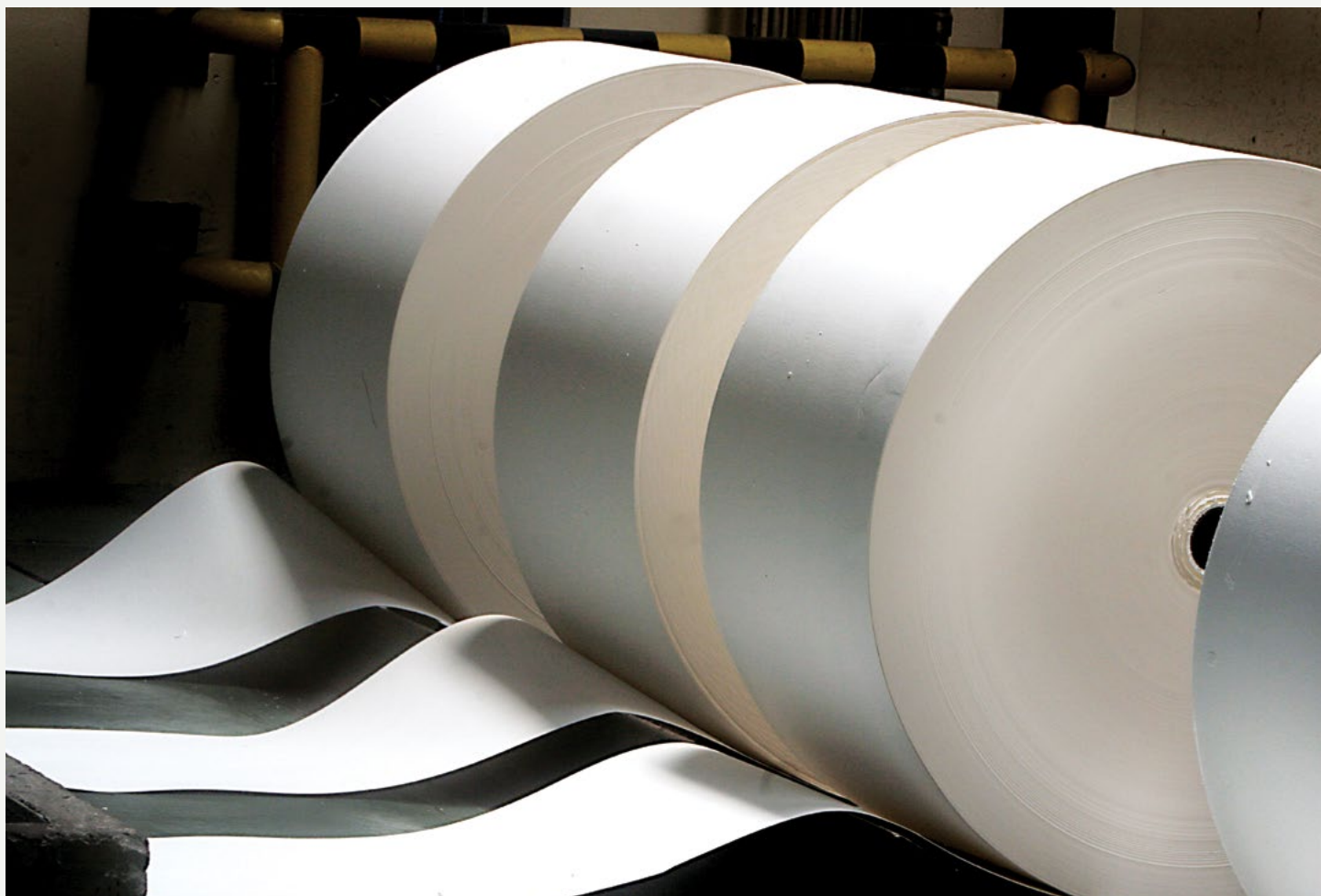
impactada, de acordo com a presidente da Ibá, pela situação atual da economia brasileira, pois "a menor atividade econômica reduz a demanda por papéis de embalagens, por exemplo, o que impacta diretamente o setor".

Na avaliação do presidente do Sinpacel, as indústrias que exportam têm uma válvula de escape hoje. "Isso reforça a ideia de que toda empresa precisa ter um pé fora do Brasil, até para ajudar a equilibrar a balança. Se o dólar está forte, prioriza a exportação; se o dólar está fraco, volta-se para o mercado interno", sugere.

Oportunidades

Segundo Rui Brandt, o industrial hoje está reduzindo turnos de trabalho ou parando as máquinas em alguns dias do mês até conseguir formar uma nova carteira e dar sequência à produção. No entanto, esta não pode ser uma situação definitiva. O caminho apontado por ele para que o industrial se mantenha competitivo é fazer a administração de custos, como investir em eficiência energética. "Se o empresário conseguir alterar sua matriz de custo, diminuindo os principais impactos, como celulose, salário e energia, ele pode manter sua atividade até um momento de recuperação da economia", declara.

Para Elizabeth de Carvalho, inovação é a palavra de ordem. "Em momentos de crise, aquelas menos eficientes e também menos sustentáveis acabam sendo prejudicadas e ficam para trás. Por isso, melhorar o processo produtivo, de forma não apenas a elevar a produção, mas torná-la mais sustentável, coloca a indústria em posição de destaque e de manutenção do crescimento", garante. ■



REAJUSTES OBRIGAM INDÚSTRIAS A PROCURAREM ALTERNATIVAS PARA AQUISIÇÃO DE ENERGIA

No setor de papel e celulose, custo com energia elétrica triplicou em apenas um ano

Um dos principais custos da produção industrial é a energia elétrica. Para que a indústria consiga se manter competitiva, é fundamental que o insumo seja barato e de qualidade. Mas esse não é o cenário que as indústrias brasileiras têm enfrentado. Somente em 2015, o preço da energia elétrica teve dois reajustes, o que acendeu o sinal de alerta no segmento produtivo. Nas tarifas da Companhia Paranaense de Energia (Copel), o último aumento aprovado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) foi de 15,32%. O crescimento abrupto

neste custo gera ainda mais dificuldades para o setor industrial.

Para se ter uma ideia do que a energia elétrica representa para o segmento de papel e celulose, por exemplo, um levantamento coordenado pelo Departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) apontou que, em 2014, o gasto com energia significava 2,60% do total de custos e despesas. Hoje, esta proporção chega a 6,23%. O estudo foi realizado com base em dados da Pesquisa Industrial Anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Es-

tatística (PIA-IBGE).

Para Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel, o setor "paga uma conta que tem origem na falta de planejamento do governo quanto à infraestrutura". De acordo com ele, nesse cenário de extrema dificuldade econômica, os industriais não conseguem absorver mais um aumento na energia elétrica. "O custo praticamente triplicou, mas as indústrias não conseguem repassar esse valor porque os preços do produto final são imputados pelo mercado. É como decretar a sentença de morte de muitas atividades", ressalta.

Segundo o diretor industrial da Ibema, Fernando Wagner Sandri, a indústria de papel é fortemente impactada por qualquer aumento do custo de energia, pois o processo produtivo consome entre 350 a 750 kWh por tonelada produzida, dependendo do tipo de papel. De acordo com Sandri, poucas empresas possuem uma integração com a geração e o consumo que proporcione maior capacidade de competição em momentos de aumentos de custos. Ele ressalta que o repasse desse aumento ao preço de venda não é tarefa fácil, mas "vai acontecer mais cedo ou mais tarde, o que contribuirá para o aumento da inflação", declara.

Na avaliação de Lourival dos Santos e Souza, diretor de Energia e Florestas da Ibema, a demanda por energia - de maneira geral - vem caindo nos últimos meses. Em agosto, por exemplo, a queda chegou a 2,5%. Segundo ele, isso é reflexo da situação da economia brasileira, pois muitas empresas estão parando suas atividades ou readequando suas produções.

Outros caminhos

Investir na geração própria de energia pode se tornar uma alternativa para as indústrias diante do atual cenário. A Ibema, por exemplo, adotou esta medida. A média mensal de consumo da empresa, hoje, está na faixa de 4.200 Megawatts por hora. Se a Ibema comprasse energia, a conta estaria entre R\$ 12 milhões e R\$ 15 milhões por ano. Com a geração própria, o único custo é de operação e manutenção, que não chega a 10% deste valor estimado. "Ter a própria energia é uma forma de blindar a indústria. Autogeração energética é uma decisão que as empresas deveriam colocar no planejamento estratégico", sugere Souza.

Mas como o investimento para esse tipo de manobra é alto, um bom caminho para as indústrias é a busca pela eficiência energética. De acordo com uma estimativa da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (Abes-



Fernando W. Sandri: diretor industrial da Ibema

co), o Brasil poderia economizar 52 mil gigawatts-hora por ano adotando medidas de eficiência. A redução potencial de custo de geração elétrica giraria em torno de R\$ 13,6 bilhões.

Algumas alternativas para isso são o uso de motores elétricos de alta eficiência, adoção de sistemas inteligentes de iluminação de fábricas, implantação de sistemas de refrigeração de baixo consumo e baixo impacto, criação de escritórios mais eficientes, troca de motores, inserção de inversores de frequência e substituição de aquecimento de água por placas solares, entre outros.

O gerente da Divisão de Utilização de Energia da Copel, Gustavo Klinguelfus, explica que a eficiência energética nada mais é do que uma otimização dos recursos das empresas. Neste sentido, a Copel oferece o Programa de Eficiência Energética, que é realizado a partir de chamadas públicas, normalmente publicadas no início do ano.

Para participar do programa, a indústria apresenta um diagnóstico energético. Se o projeto for aprovado, a Copel repassa recursos para a empresa à medida que as ações previstas forem sendo executadas. Terminado o processo, o montante disponibilizado será devolvido pelo proponente sem juros, somente com correção monetária.

Os projetos, segundo o gerente, devem priorizar a redução do consumo de energia e da demanda em horário de ponta. Em 2014, foram disponibilizados para o programa R\$ 11 milhões. Em 2015, o valor ficou em R\$ 12 milhões.

AÇÃO NA JUSTIÇA

A Fiep movimentou, na Justiça Federal, uma ação para discutir o aumento da energia elétrica que engloba o ajuste anual, o reajuste extraordinário e o sistema de bandeiras tarifárias. Além disso, em parceria com o Sinpacel, a Federação propôs uma nova ação na Justiça do Estado para discutir a incidência do ICMS sobre as tarifas do uso do sistema elétrico.

De acordo com Claudia Beck Moreira de Souza, advogada da Procuradoria Jurídica do Sistema Fiep, o ICMS poderia incidir sobre o valor da tarifa da energia elétrica, que é uma "mercadoria". Porém, a Copel também está cobrando o imposto para que a indústria possa utilizar o sistema. "Isso não poderia acontecer porque o sistema não é uma mercadoria e, portanto, não tem incidência de ICMS", reforça Claudia.

Por conta dessa ação, a advogada sugere que as indústrias guardem todas as faturas de energia elétrica dos últimos cinco anos. Aquelas que ainda não fazem isso devem começar o quanto antes porque, se as ações forem procedentes no futuro, há a possibilidade de resgate do valor pago indevidamente.

Claudia Beck adianta também que a Procuradoria Jurídica da Fiep tem outras ações engatilhadas para propositura. Uma delas é com relação à alíquota do ICMS sobre a energia elétrica, que no Estado do Paraná é de 29%. A tese do departamento é que a alíquota deve ser menor quanto mais for essencial o bem. Como a energia elétrica é absolutamente indispensável, o índice deveria ser reduzido para 12% a 18%. ■

A PALAVRA DE ORDEM É PREVENÇÃO

Prevenir acidentes no ambiente de trabalho evita gastos desnecessários com afastamentos

O gasto médio que uma empresa tem no primeiro ano de afastamento de um único funcionário varia entre R\$ 60 mil e R\$ 90 mil. O valor inclui a complementação salarial, os encargos sociais e o pagamento de outro trabalhador para suprir a falta daquele que está impossibilitado. Esta estimativa do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) mostra que investir em prevenção de acidentes e de doenças e na qualidade de vida dos colaboradores é a forma mais eficiente de evitar gastos, além de serem medidas que favorecem o rendimento laboral. Com o objetivo de conscientizar e orientar as indústrias sobre a importância da saúde ocupacional, o Sesi no Paraná lançou este ano uma campanha de Segurança e Saúde no Trabalho adotando uma abordagem mais incisiva com os empresários. “Se o industrial não coloca esse tema no planejamento, não gerencia e não controla os índices, ele não sabe quantos dias de falta por doença e por acidente cada trabalhador teve, o que torna impossível mensurar o custo. E dinheiro que esta indo embora sem que o administrador da empresa perceba”, ressalta o superintendente do Sesi no Paraná, Jose Antonio Fares.

Em um primeiro momento pode parecer custoso implementar medidas de segurança e prevenção de doenças e acidentes. No entanto, o investimento compensa, principalmente se for levado em consideração que o Tribunal Superior do Trabalho (TST) já chegou a conceder R\$ 10 milhões em indenização por danos morais coletivos a um grupo de trabalhadores de um frigorífico por irregularidades

relacionadas ao ambiente de trabalho excessivamente frio.

O número de acidentes anuais e outro aspecto que pesa nas finanças da empresa. Quanto mais elevado, maior é a alíquota de tarificação do Fator Acidentário de Proteção (FAT), que custeia acidentes e doenças do trabalho, bem como aposentadorias especiais. “Muitos trabalhadores resistem em utilizar equipamentos de proteção individual ou coletiva. É responsabilidade da empresa garantir esta utilização, nem que para isso seja necessário dar uma advertência”, recomenda a gerente de Segurança e Saúde no Trabalho do Sesi no Paraná, Juliana Lacerda.

Indústria segura

A BS Bios, indústria de energia renovável de Marialva, estava, até o dia 19 de junho, com mais de 230 dias sem acidentes com afastamento, sendo que o recorde foi de 732 dias. Para atingir esse resultado, a parceria com o Sesi foi decisiva. “Contamos com apoio e serviços para levar adiante nossa luta contra acidentes e doenças do trabalho. Os bons frutos dessa colaboração também fortalecem as ações em meio ambiente, saúde ocupacional e qualidade de vida”, diz Leandro de Sá Pardini, líder de Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT) da BS Bios.

Entre os desafios da empresa está a missão de fazer com que os colaboradores se sintam parte do processo. “Para isso, montamos programas de

prevenção e identificação dos riscos ambientais em que eles participam em conjunto com o SESMT e com os membros da Cipa. Isso gerou um resultado muito bom”, explica Pardini.

A indústria trabalha intensamente com conscientização, medida adotada com base no entendimento de que EPI (Equipamento de Proteção Individual) e ambiente de trabalho seguro não são capazes de evitar totalmente o risco de acidente. De acordo com Pardini, para garantir isso cada colaborador precisa assumir um comportamento seguro no decorrer de suas atividades dentro e fora da empresa.

SERVIÇO

Entre os serviços ofertados às indústrias pelo Sesi para implantar um planejamento de prevenção de acidentes estão: Consultoria para Sistema de Gerenciamento de Riscos em SST, Auditoria de Requisitos de Conformidade Legal, Assessoria para Elaboração de Laudos Técnicos (LTCAT, Insalubridade e Periculosidade), Assistência Técnica em Perícia e Gestão de Absenteísmo e Redução de Custos na Indústria. ■

Fonte: A Indústria em Revista



48º Congresso Internacional de Celulose e Papel

Entre os dias 6 e 8 de outubro acontecerá o 48º Congresso Internacional de Celulose e Papel, um dos eventos mais aguardados pelo setor, porque recebe mais de 800 especialistas e técnicos de renome internacional. Em paralelo ao Congresso, acontece também a Exposição Internacional de Celulose e Papel, que terá mais de 100 expositores. Nesta edição, o Sinpacel, em parceria com o Senai de Telêmaco Borba, vai expor no Congresso. O encontro vai acontecer no Transamérica Expo Center, em São Paulo (SP).

"Esta será uma boa oportunidade para avaliarmos as novidades do setor, medirmos a temperatura do mercado de papel e celulose, realizarmos networking e, claro, mostrarmos as novidades dos serviços do Sindicato, como o Laboratório de Análises em Papel e Celulose, que recentemente teve seus ensaios para papéis sanitários acreditados. Além disso, queremos reforçar a importância do associativismo", afirma Anselmo Ribas, analista de Marketing do Sinpacel.



Sinpacel no Facebook

Quer saber as últimas novidades sobre o Sindicato e também as principais notícias sobre o setor de papel de celulose? Então curta a fanpage do Sinpacel no Facebook: www.facebook.com/Sinpacel-PR

Ibema completa 60 anos

Terceira maior fabricante de papel cartão do país e um dos maiores players da América Latina, a Ibema completa, em 2015, 60 anos de história. Hoje, são 740 profissionais e produção de mais de 90 mil toneladas de papel cartão por ano. Além disso, a empresa acaba de adquirir uma nova fábrica em Embu (SP), que irá aumentar a produção em 50 mil toneladas/ano. Com esses números, a Ibema se consolida como uma das mais importantes empresas do setor. E para comemorar os 60 anos, a indústria está programando ainda para este ano o lançamento de mais quatro produtos, que somam-se aos seis já disponíveis. A expectativa é de que os lançamentos contemplem, em breve, um volume significativo das vendas para o mercado interno.

A indústria iniciou suas atividades em 1955, em Faxinal da Boa Vista, hoje município de Turvo. Sete anos depois, as famílias Napoli e Gomes instalaram, em Catanduvas, o primeiro empreendimento – uma serraria. Na década de 1970, as duas famílias se juntaram à família Maia na indústria de papel. O legado construído pelos fundadores da empresa permitiu o desenvolvimento da localidade.

De acordo com o diretor industrial da Ibema, Fernando Sandri, a empresa sempre teve como premissa gerar valor de maneira sustentável. Estes objetivos levaram a instituição ao processo de profissionalização iniciado em 1991, que a colocou entre as três maiores fabricantes do Brasil. "A Ibema e suas pessoas conseguiram manter uma equipe unida disposta ao desenvolvimento da empresa na busca constante de poder contribuir para a melhoria dos resultados e do bem-estar de todos", comemora.

Nova parceria

Para ajudar nas demandas trabalhistas das empresas associadas, o Sinpacel passa a contar agora com um escritório de advocacia conveniado, que prestará assessoria jurídica às indústrias com relação a questões trabalhistas. A Storoz Advogados Associados cobrará honorário por hora técnica e também participará da reunião trimestral do Comitê de Recursos Humanos do Sindicato. O Sinpacel está à disposição dos associados para mais informações pelo telefone (41) 3333-4511.



Eleições Sistema Fiep

O empresário Edson Campagnolo foi reeleito, no início de agosto, presidente da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) para o mandato 2015-2019. Para o presidente do Sinpacel, Rui Gerson Brandt, a recondução do Campagnolo à frente da Fiep confirmou o bom trabalho realizado por ele no primeiro mandato.

"O consenso dos industriais dentro da maior entidade representativa é quanto à defesa dos interesses da indústria. A movimentação para a reeleição aconteceu para dar continuidade a uma gestão que demonstrou ter feito um bom trabalho", avalia Brandt.



O NOSSO PAPEL
É REPRESENTÁ-LO

**Associe-se ao SINPACEL e defenda a
competitividade de nosso setor!**

Para que a voz da Indústria tenha força e poder de influência,
a participação da sua empresa é fundamental!

Para maiores informações de benefícios e serviços para
as indústrias associadas, acesse:

www.sinpacel.org.br

GÁS NATURAL: UMA ENERGIA SEGURA, VERSÁTIL E ECONÔMICA



Estação de medição e redução de pressão do gás natural instalada pela Compagas no cliente industrial.
Crédito: Divulgação Compagas.

Mais do que fazer parte de um ambiente, o gás natural faz a sua parte no meio ambiente. Uma energia mais limpa, que polui menos e oferece vantagens e benefícios a diferentes segmentos de mercado. Na indústria, o gás natural pode substituir com eficiência qualquer combustível sólido, líquido ou gasoso. Ele é ideal para processos que exigem a queima em contato direto com o produto final, como acontece na produção de cerâmica, na fabricação de vidro e nos segmentos metal-mecânico. Além disso, também pode ser utilizado em diversos equipamentos, inclusive na indústria de papel e celulose.

“As indústrias papeleiras utilizam uma grande quantidade de vapor no processo de produção de celulose e papel. Esse vapor é gerado através de caldeiras e o gás natural é um eficiente substituto dos combustíveis comumente utilizados nestes equipamentos, apresentando significativas vantagens econômicas e operacionais”, destaca o gerente de vendas industrial da Companhia Paranaense de Gás (Compagas), Justino Pinho. Além do uso nas caldeiras, o gás natural também pode ser utilizado nos fornos de cal, capotas de secagem de papel, incineradores, estufas, geradores elétricos e sistema de cogeração.

O fornecimento contínuo canalizado, sem a necessidade de arma-

zenamento de tanques estacionários, a possibilidade de melhor regulação da chama e, conseqüentemente, a maior eficiência de combustão devido à composição química constante são algumas das vantagens operacionais apresentadas pelo uso do gás natural. De acordo com Pinho, com o combustível ainda é possível ter um aumento da vida útil dos equipamentos que o utilizam, diminuindo os custos e durações de parada das máquinas para manutenção, o que garante a continuidade de produção. “Com todas as vantagens, o gás natural oferece uma relação custo x benefício atraente. O faturamento é realizado após o consumo e apenas do volume efetivamente consumido. Com isso, não há perdas residuais do combustível pago”, destaca.

Atualmente, a Compagas atende seis indústrias do segmento de papel e celulose no Paraná que, juntas, consomem mais de 15 mil m³/dia de gás natural. Estas empresas estão instaladas nas cidades de Curitiba, Araucária, São José dos Pinhais e Palmeira. A Companhia tem planos de expandir a sua atuação neste segmento e levar o gás natural a mais indústrias do setor. “Temos o objetivo de interiorizar o uso do combustível, a fim de diversificar a matriz energética estadual, com uma fonte de energia segura, versátil e econômica”, finaliza Pinho. ■

AGENDA DE CURSOS



RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO AMBIENTE DE TRABALHO

- **Data:** 15 e 16 de setembro
- **Local:** SICEPOT
- **Horário:** 14h às 18h
- **GRATUITO**

SECAGEM

- **Data:** 17 e 18 de setembro
- **Horário:** 8h às 17h
- **Local:** SINPACEL



QUALIDADE: RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA

- **Data:** 14 e 15 de outubro
- **Horário:** 17h às 21h
- **Local:** SINPACEL
- **GRATUITO**

ACABAMENTO / REVESTIMENTO / PAPEL TISSUE / PAPELÃO ONDULADO

- **Data:** 22 e 23 de outubro
- **Horário:** 8h às 17h
- **Local:** SINPACEL

Para saber mais informações sobre cada curso e ver a agenda completa de 2015, acesse www.sinpacel.org.br.

A UNIÃO PERFEITA ENTRE CONFORTO E TECNOLOGIA



O MAIS VENDIDO DO BRASIL
PELO 3º ANO CONSECUTIVO

Qualidade não
vem por acaso:

- Rigoroso controle de qualidade;
- Mão de obra qualificada;
- Moderno sistema de logística;
- Unidades fabris em constante evolução;
- Espírito inovador e pioneiro.

Mili

www.mili.com.br
www.facebook.com/MiliOficial

Sesi

i de indústria. i de impulso.

Com soluções em segurança, saúde e educação, o Sesi impulsiona as indústrias, tornando-as mais competitivas e produtivas.

SEGURANÇA E SAÚDE

Assessoria e consultoria para a redução de custos com acidentes e doenças do trabalho. Soluções para a indústria atender aos requisitos legais (NRs, eSocial), evitar multas e reduzir o fator acidentário previdenciário (FAP) por meio da prevenção e promoção da segurança e saúde no trabalho.



EDUCAÇÃO

Soluções educacionais voltadas à formação humana, à inovação e ao empreendedorismo que preparam profissionais para atuarem na indústria.

Colégio Sesi - Ensino Médio
Educação de Jovens e Adultos (EJA)
Cursos a distância

sesipr.com.br

FIEP
SESI
SENAI
IEL

SESI

sesi. nosso i é de indústria.